

OLHARES COM TODOS OS SENTIDOS

Ao vivenciarmos o evento OSC entendemos efetivamente que olhar é uma metáfora metonímica, isto é, “olhar” está no lugar e abrange sentir, pensar, compartilhar, criar relações de amizade, profissionalizar. Conceitos como afeto, troca, ensino e aprendizado foram/são, em OSC, construídos e elaborados ao longo do tempo da sua realização e de fato se efetivam em atos. Não há tempo a perder ou inúteis conexões a serem feitas. OLHARES precisa acontecer, como pode, como dá. Entretanto, atenção: não acontece de “qualquer” jeito. É profissional. É experiente em trocas e parcerias. É específico e aprofundado em escolha de temas sobre dança, sobre corpo, educação e ação com a sociedade. OLHARES é uma ação com a qual devemos aprender, trocar e continuar a irradiar: DANÇA.

Lenira Rengel

UMA IMPRESSÃO

É raro existir algo que se proponha dar unidade ao que está fragmentado. A modernidade fragmentou o conhecimento e, com ele, o corpo. É só procurar em volta e você encontrará dúzias de discursos sobre o corpo biológico, o corpo físico, o corpo filosófico, o corpo estético, o corpo etc e tal. Quem constrói cada um desses discursos considera que seu ponto de vista é completo e universal e, portanto, apto a explicar a todos o que é um corpo. Como sempre, a prática se encarrega de mostrar que as coisas não são bem assim. OSC unifica esses discursos, não por apresentar o máximo possível deles, mas por construir o confronto entre eles, permitindo-nos vislumbrar o espaço que os une e separa e é neste espaço que alguma verdade sobre o corpo poderá ser encontrada.

Marcello Castilho Avellar

HISTÓRICO

Uma conversa informal entre Fernanda Bevilaqua e Wagner Schwartz no corredor do Studio Uai Q Dança, em outubro de 2004, em torno de alternativas às contrapartidas previstas em editais e, fundamentalmente, da criação de um lugar para discutir arte, dá início ao evento Olhares sobre o Corpo.

Tínhamos a vontade de fazer esse encontro acontecer com certa urgência. Nirvana Marinho disse que ficaria feliz em contribuir com o desenvolvimento dessa nova ideia e que precisaria de um apoio para sair de São Paulo. O Studio Uai Q Dança investiu em sua passagem e hospedagem, e a alimentação foi concedida por dois restaurantes da cidade [que até o ano de 2009 foram parceiros do encontro]: Dom Giuseppe e Sahtten. Para conseguir esse apoio dos restaurantes, a escola ofereceu, em contrapartida, um semestre de aulas para os clientes dos estabelecimentos.

Nirvana veio ao primeiro encontro do OSC sem cobrar cachê e a programação foi feita com bilheteria [repassada aos artistas que aceitaram essa proposta]. O valor dos ingressos era de R\$ 2,00. Nesse ano tivemos apresentações de Vanilton Lakka e Uai Q Dança, mostra de vídeos do Rumos Dança Itaú Cultural [seguido

de análise de Nirvana Marinho] e mesa redonda com o tema “olhares sobre o corpo”.

Em 2005, a proposta repetiu-se com convidados [Quick Cia. de Dança, de BH e Alaya, de Brasília], que aceitaram vir ao encontro com despesas livres [que foram feitas através de trocas de aulas e assessoria do Studio Uai Q Dança e Fernanda Bevilaqua entre Hotéis e restaurantes. No Hotel, as diárias dos artistas foram pagas com aulas de consciência corporal para os funcionários, ministradas semanalmente, durante um ano, por Fernanda Bevilaqua e, nos restaurantes, a troca foi feita por mensalidades do Studio Uai Q Dança]. Neste ano, a bailarina Juliana Penna, de Uberlândia, inaugura, de forma não-oficial, o Teatro Municipal Oscar Niemeyer [que até o momento se encontrava em construção], com o espetáculo “Fé. Prova nº 1”. Neste mesmo ano, houve uma exposição da artista plástica Cíntia Guimarães: “Dos trajetos aos lugares para o repouso do corpo”. Apresentação da Banda Porcas Borboletas no Palco de Arte, oficina com Wagner Schwartz: “Desdobramentos atrevidos para a criação” e mesa redonda com Lenora Lobo, Marcello Avellar, Sertório e Renata Meira. Todos os artistas e convidados participaram do encontro via bilheteria e despesas pagas através de parcerias.

De 2004 a 2008, OSC trouxe para Uberlândia artistas e profissionais de Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Brasília e Argentina. Houve apresentações de espetáculos, encontros para discussões de temas relacionados à produção artística, lançamento de livros, exposições de trabalhos de artes-visuais no Palco de Arte [sede do evento] e em outros espaços da cidade: praças públicas, galerias de arte e locais cedidos pela Prefeitura Municipal de Uberlândia.

Em 2006, OSC foi contemplado no Fundo Municipal de Cultura e teve despesas e cachês dos artistas e convidados pagos com essa verba. De 2007 a 2008 volta a funcionar por bilheteria. [Lembrando que o Palco de Arte sempre foi lugar para apresentações, até mesmo pelo fato do Uai Q Dança ser o mantenedor do teatro]. Em 2008, Wagner Schwartz se propõe a criar e manter o blog do evento. Neste mesmo ano, adotamos uma divulgação pela internet, sem gastos com papéis – como uma forma de pensar a sustentabilidade global.

Nomes como Helena Katz, Christine Greiner, Nirvana Marinho, Marcela Benvegnu, Marcello Castilho Avellar, Lenora Lobo, Lenira Rengel, Cristina do Espírito Santo [Itaú Cultural], Grupo Alaya, Meia Ponta cia. de Dança, Tuca Pinheiro, Marisa Monadjemi, Adriana Banana, Cláudia Müller, Helena Vieira, Juliana Piquero, fizeram parte do festival, juntamente com outros artistas da cidade como Vanilton Lakka, Wagner Schwartz, Juliana Penna, cia. Uai Q Dança, cia. Balé de Rua, Grupo Strondum, Ana Reis, Aline Schwartz, Luciana Branco, Thiago Costa, Cássia Nunes, Rosana Artiaga, Grupo Tripé, Troupe de Truões, Fernando Prado e a banda Porcas Borboletas.

OSC se mostra como proposta viva mediante ao ajuntamento e transcrição de linguagem com as faculdades de artes cênicas, artes visuais, história, geografia, filosofia e psicologia possibilitando a problematização sociocultural na comunidade. Além dos encontros artísticos, professores de outras áreas do

conhecimento participaram do evento para investigar as relações do corpo em sociedade. Entre eles, a psicanalista Salma Abdumassi, a historiadora Cláudia Guerra, o oftalmologista Dr. José Mesquita, o ginecologista Túlio Tadeu Marcoline, o professor de filosofia Dr. Bernardo Bernardino e o ambientalista Eduardo Bevilaqua.

Em 2009 o SESC Uberlândia passa a apoiar o evento, cobrindo as despesas de cachês e passagens dos artistas. Fernanda Bevilaqua e Uai Q Dança financiam Hotel e alimentação.

Em 2010, Funarte e Caixa Econômica são nossos apoiadores. Nesse ano, OSC acontece com uma produção artística e direção em Uberlândia, Salvador da Bahia e Paris. Entre Alexandre Molina, Ellen Mello, Fernanda Bevilaqua e Wagner Schwartz.

Nesse ano, recebemos um e-mail de um artista que questionava o orçamento e o contexto em que o encontro estava baseado. A relação transnacional entre os organizadores do evento, virou local. Houve confronto entre nós. Ganhamos o corpo de um ombudsman. É assim que aprendemos.

Em 2010, o seguimento da dança no Brasil se reuniu em seminários sobre economia para reavaliar sua adaptação aos editais e a necessidade de se fazer um festival, relativizando coisas que não poderiam ser relativizadas.

Em nosso caso, o OSC pensa, desde seu início, sobre as experiências de estrangulamento social que cada um dos que estiveram nesse encontro já viveram. E a relativização da relativização nos incomoda profundamente.

Nós não gostaríamos de ignorar uma questão como a desse artista e nem como a nossa enquanto grupo, que está em um nível de sensibilidade que chega a doer. Por questões simples de não darmos conta de convidar todos artistas que gostaríamos que estivessem nesse encontro, contribuindo para o seu fortalecimento. Dessa forma, foi/é preciso desenvolver um encontro pequeno e dentro das formas que o projetamos.

Estávamos há um mês da programação de OSC. Troca de e-mails em caráter sério, de contrapartida, talvez, inadequado a um momento em que já deveríamos ter fechado toda a programação, mas é disso que falamos, quando deixamos à vista uma publicação sobre a imprevisibilidade. Precisamos saber que podemos contar com mudanças, mesmo porque as leis atuais nos obrigam a agir dessa forma.

A história OSC nos levou a considerar esse momento como um ponto de avanço nas nossas propostas durante todos esses 6 anos de trabalho. Temos discutido, incansavelmente, sobre as questões da sustentabilidade local. E, naquele momento, estávamos em crise por pensar em cancelamento, adiamento daquilo que estávamos programando durante todos esses anos. A ideia de financiamento deveria facilitar essas questões de organização e não o contrário.

Em 2010 estávamos inquietos e, ao mesmo tempo, felizes por imaginar a programação de uma forma diferente. Estávamos estudando.

Consideramos a necessidade de coerência. Principalmente porque, sem o contato com outros artistas, projetos como esse perderiam muito seu sentido. De fato, sentíamos a necessidade de discutir essas questões e deveríamos levar em consideração toda a rede de profissionais envolvidos.

De uma parte, pensamos que cancelar seria, também, potencializar uma questão: “pelo trabalho feito até aqui, cancelamos. Porque trabalhamos demais.” Enfim, estávamos todos envolvidos, há muito tempo, antes mesmo da elaboração e da escrita do projeto para os editais e da contratação de qualquer um dos envolvidos nessa edição do OSC. Precisávamos falar sobre nosso incômodo. Produtores, artistas precisariam se pronunciar, por que nossas profissões estão sempre à margem do desemprego. Hoje em dia, está difícil separar nossa expertise.

Mas, cancelar ou adiar, depois que todo o material tenha começado a existir seria, também, desrespeitoso. Não daria para sair de uma certa falência para declarar uma outra. Seria preciso ser criativo e continuar de alguma outra forma. Pensamos na possibilidade de formalizar nossas questões, elaborá-las com mais complexidade. Teríamos que avançar na ideia de ‘tabelamento’ e apoiar a ideia de ‘contextos’ e ‘singularidades’.

Nosso problema eram as parcelas orçamentárias. [Essa é uma palavra forte dentro de nossa política cultural enfraquecida. Produtores precisam se tornar artistas para ativarem a criatividade e criarem um estado de experimentação possível dentro do seu ambiente de trabalho, e os artistas precisam ser produtores para conseguirem fazer a vida continuar entre uma e outra parcela.]

Estávamos com medo por que até aqui ninguém contava com a benção das celebridades internacionais. Isso não significava falta de confiança em nosso trabalho, mas descrédito nas entrelinhas de certos editais, via histórico.

Naquele momento, era impossível reavaliar todo o orçamento do OSC e fazer alterações na programação, a não ser aquelas de caráter emergencial. Adiar o encontro implicaria em maiores gastos ou até inviabilizar a participação de alguns artistas. Adiar não seria simples e poderia gerar ainda mais custos para o evento.

Queríamos continuar, independentes da miséria. Teríamos que apostar nas escolhas para 2010.

Fomos adiante.

O OSC tem uma história que caminha em direções diferentes das propostas pela maioria dos festivais de dança existentes hoje no país, até mesmo porque essa denominação de festival passou a existir pela realidade dos editais: OSC continuaria sendo um “fórum”, “um espaço”, um “encontro”, uma “base”, um

“colóquio” ou um “grupo de estudos”. Até então, trabalhávamos com uma participação praticamente voluntária de pessoas com a vontade de propor reflexões sobre pesquisa e produção artística. A vontade era presente e, desta vez, teríamos a possibilidade de fazer nosso trabalho com um pouco de investimento e já estávamos todos aprendendo com isto.

Esse episódio nos fez pensar em como garantir esse espaço de reflexão e proposição artística sem sermos capturados pelo sistema ao ponto de funcionarmos totalmente em sua lógica. Em 2010, tivemos um encontro de abertura discutindo ‘políticas públicas’, a ‘desconferência-contrapartida’ e ‘trocando em rede’, além dos espetáculos, oficinas e demais atividades. Foi importante ocuparmos estes espaços para levantarmos essas inquietações, produzindo um documento resultante dessas discussões e encaminharmos para as instituições de fomento, como proposições para reflexão e mudanças em seus mecanismos de apoio. Tanto a Caixa Cultural como a Funarte exigiam um número X de grupos e apresentações no evento, além de uma cota para divulgação. Entramos com projeto nesses editais sabendo de seus regulamentos, mas poderíamos usar o espaço do OSC para colocar essas condições em questão. Pessoas qualificadas estarão presentes no encontro de 2010 e diferentes segmentos da rede produtiva também: artistas, produtores, pesquisadores, gestores, etc. Essas pessoas precisariam discutir essas questões ao mesmo tempo, pois éramos/somos todos parte de uma mesma rede.

OSC 2010 tinha recurso garantido. O projeto foi aprovado em um edital público e o governo não poderia, simplesmente, dizer que não iria financiá-lo. [As instituições são instáveis, apesar de funcionarem com certa regularidade.] Esse movimento, no entanto, não tiraria a possibilidade de atrasos e eles são muito comuns na máquina pública, pois dependem de arrecadação fiscal, da estabilidade financeira do país e, por fim, mas não menos importante, da vontade política dos dirigentes que escolhemos para nos representar. Esses atrasos precisariam entrar, também, em pauta.

Achamos importante essa atitude em fazer um comunicado aos convidados, dando a possibilidade de decidirem ou não participarem do evento, via toda a problemática que [ainda] está além de nossa competência. Mas, esta escolha de continuar teria que ser responsabilidade de todos nós.

Mais informação, menos conflito. Continuamos nossas ações nesse ano para visando uma mudança que avançasse positivamente nosso contexto.

Em 2011, OsC volta a ter o seu tamanho inicial, sem apoios de editais. Opta por sua continuação via grupos de estudos e demonstrações de trabalhos que nos ajudam a discutir um pouco mais as questões humanas em detrimento das questões estratégicas.

Em 2015, OsC termina suas atividades encerrando o evento com a apresentação de Transobjeto 10 anos no Palco de Arte, com a participação especial de Cláudia Müller.